

Revista Eletrônica de Divulgação Científica do Centro Universitário Don Domênico – UNIDON
15ª Edição – agosto de 2026 – ISSN 2177-4641

BRINCAR LIVRE: UMA VISÃO PSICOMOTORA DA ABORDAGEM PIKLER

NÚBIA XAVIER ¹

HIVINY DE ATAIDES RAQUEL ²

RESUMO

O brincar livre como experiência psicomotora, sustenta a elaboração simbólica (processo de converter vivências corporais em representações compartilháveis). Nesse sentido, a abordagem Pikler-Lóczy (centrada na autonomia motora da criança e observação não diretiva do adulto) e às contribuições de Wallon (regulação do tônus, equilíbrio e alinhamento postural), representam bases importantes da infância. O objetivo deste estudo foi analisar como a liberdade de exploração, qualidade dos objetos disponíveis e postura do adulto influenciam no surgimento de indicadores de simbolização, em situações de brincadeiras. Conduziu-se a pesquisa através de uma série de casos observacionais. Participaram do estudo, 10 crianças (idade entre 5-11 anos). Foi realizada uma sessão de brincar livre, por 45 minutos, em ambiente preparado. Introduziu-se vários brinquedos tradicionais e lenços de pano, para as crianças brincarem. Os pais e educadores mantiveram presença reguladora, intervindo apenas por segurança. Dados motores, expressivos e simbólicos foram coletados e analisados por imagens e testes estatísticos. Todas as crianças apresentaram boa coordenação ampla e estabilidade tônico-postural; 6 demonstraram indícios de simbolização emergente, porém, sem o uso do lenço. Elas criaram enredos com objetos distintos, sugerindo que o arranjo espacial e a variabilidade dos materiais influenciam mais do que um elemento isolado. O lenço foi usado em 2 episódios, sem correlação linear entre seu uso e a simbolização ($r=0,41$; $p=0,24$). Conclui-se que, o brincar livre manifesta-se como uma linguagem do corpo que pensa. A observação sem interferências do adulto sustenta a elaboração simbólica infantil, reafirmando o valor do gesto espontâneo, como via de pensamento e criatividade.

Palavras-chave: psicomotricidade, elaboração simbólica, observação não diretiva.

¹ Estudante do Curso de Psicologia no Centro Universitário Don Domênico – UNIDON

² Docente do Centro Universitário Don Domênico – UNIDON



Revista Eletrônica de Divulgação Científica do Centro Universitário Don Domênico – UNIDON
15ª Edição – agosto de 2026 – ISSN 2177-4641**ABSTRACT**

Free play as a psychomotor experience supports symbolic elaboration (the process of converting bodily experiences into sharable representations). In this sense, the Pikler-Lóczy approach (focused on the child's motor autonomy and non-directive adult observation) and the contributions of Wallon (regulation of tone, balance, and postural alignment) represent important foundations of childhood. The aim of this study was to analyze how freedom of exploration, the quality of available objects, and the adult's posture influence the emergence of indicators of symbolization in play situations. The research was conducted through a series of observational case studies. Ten children (aged between 5-11 years) participated in the study. A 45-minute free play session was held in a prepared environment. Various traditional toys and fabric scarves were introduced for the children to play with. Parents and educators maintained a regulatory presence, intervening only for safety reasons. Motor, expressive, and symbolic data were collected and analyzed through images and statistical tests. All the children showed good gross coordination and tonic-postural stability; 6 showed signs of emerging symbolization, although without using the scarf. They created stories with different objects, suggesting that spatial arrangement and material variability have more influence than a single element. The scarf was used in 2 episodes, with no linear correlation between its use and symbolization ($r=0.41$; $p=0.24$). It is concluded that free play manifests as a language of the body that thinks. Observation without adult interference supports children's symbolic development, reaffirming the value of spontaneous gestures as a pathway to thought and creativity.

Keywords: psychomotricity, symbolic elaboration, non-directive observation.



Revista Eletrônica de Divulgação Científica do Centro Universitário Don Domênico – UNIDON
15ª Edição – agosto de 2026 – ISSN 2177-4641**Introdução**

O presente estudo parte da premissa fundamental de que o desenvolvimento humano é uma jornada complexa e dialética, cuja origem reside no corpo e no movimento.

A liberdade de movimento, no entanto, transcende a mera aquisição de habilidades físicas; ela é a própria gênese da subjetividade, do pensamento e da identidade.

Conforme postulado por Henri Wallon, a criança vive sua motricidade não apenas para se deslocar, mas fundamentalmente para "ser e pensar" (apud Chokler, 2010). Cada gesto, cada exploração e cada conquista postural são atos cognitivos complexos, um trabalho de integração multissensorial que permite à criança projetar, executar, corrigir e avaliar suas ações (Chokler, 2010).

O gesto intencional, carregado de emoção, emerge como o precursor da função simbólica, marcando a transição crucial do ato motor para o pensamento (Silva, 2007). A emoção, nesse contexto, funciona como uma via que mobiliza o meio social e possibilita o nascimento da consciência (Silva, 2007). Assim, o processo de autoconstrução motora está intrinsecamente ligado ao desenvolvimento de um sentimento de segurança e eficácia. A criança que explora livremente seu corpo e o espaço cultiva uma autoimagem positiva, consolidando a confiança em suas próprias capacidades e um sentimento de competência (Francois apud CEMEA, 2018; Pikler, 1969,1979).

Por outro lado, o brincar livre proporciona também, o desenvolvimento da criatividade e a percepção simbólica dos objetos. Enquanto brinca, a criança explora gestos e atribui diferentes funções ou significados aos brinquedos. Nesse contexto, o papel do adulto, portanto, não é o de intervir, ensinar ou apressar a noção simbólica, mas sim, o de preparar um ambiente seguro e rico, permitindo que à criança explore com confiança, as situações lúdicas (Appell; David, 1973, 2021; Godall, 2016; Montessori apud CEMEA,2018).

É nesse quadro de segurança e liberdade que o corpo se torna o primeiro e mais fundamental instrumento para descobrir, conhecer e compreender o mundo (Chokler, 2010). Baseado nisso, dentro da perspectiva “Pikler”, a utilização do lenço como recurso lúdico adicional, oferece, desde os meses iniciais de vida, uma rica oportunidade para o brincar livre.



Revista Eletrônica de Divulgação Científica do Centro Universitário Don Domênico – UNIDON
15ª Edição – agosto de 2026 – ISSN 2177-4641

É por meio da brincadeira que a criança atualiza o imaginário, manifestando em seus gestos, atitudes e significados fundamentais para sua formação, dando sentido à sua existência (Saura, 2014, p.167).

Apesar da potência evidente do desenvolvimento autônomo e do brincar criativo, surgiu a seguinte questão: Afinal, as crianças da atualidade são criativas? De fato, esse questionamento, ofereceu subsídio e direcionou as investigações deste trabalho.

Nos últimos tempos, diferentes evidências têm apontado, os efeitos prejudiciais da exposição exagerada a tecnologias e telas, durante a infância (Souza; Carvalho, 2023; Silva; Gomes, 2024).

Sabe-se que, a dificuldade ou a incapacidade de brincar de forma criativa pode ser um sinal de graves problemas afetivos, frequentemente originados em falhas na relação primordial com os cuidadores (Mishima; Barbieri, 2009). Além disso, quando o ambiente inicial não provê o suporte necessário, a capacidade da criança de criar um mundo pessoal e simbolizar fica prejudicada (Winnicott, 1958/2000, 1964/1982 apud Mishima; Barbieri, 2009).

Quando a criança não consegue simbolizar, ela "reage com o corpo aos significantes conflituais da atmosfera em que vive" (Queiroz; Correia, 2002), tornando-o palco de desordens que ela não consegue significar. Essa desconexão entre o vivido e o simbolizado impede a constituição de um ser autêntico, capaz de interagir com o mundo de forma pessoal e criativa (Safra, 2005 apud Mishima; Barbieri, 2009). Sendo assim, a justificativa para o presente estudo reside na urgência de se compreender a interconexão indissociável entre movimento livre, brincar espontâneo, imaginação e a construção de um sujeito saudável, autônomo e criativo.

Diante disso, o objetivo deste trabalho foi investigar como a capacidade simbólica se manifesta em crianças do município do Guarujá-SP, durante brincadeiras livres com lenços e brinquedos.

Materiais e métodos

O presente estudo é o relato de uma série de casos, com característica observacional, natureza descritiva e abordagem mista (quantitativa e qualitativa). Foi realizado entre junho e



Revista Eletrônica de Divulgação Científica do Centro Universitário Don Domênico – UNIDON
15ª Edição – agosto de 2026 – ISSN 2177-4641

novembro de 2025, no Centro Universitário Don Domênico – UNIDON, localizado no município do Guarujá-SP.

A amostra foi composta por 10 crianças, sendo 8 do sexo feminino e 2 do masculino, com idade entre 5 e 11 anos. Os pais e responsáveis dos participantes, assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para autorização do uso de resultados e imagens, com finalidade científica, em concordância com a Lei nº 13.709 – Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD), vigentes na instituição. Esta pesquisa foi idealizada e desenvolvida seguindo os preceitos éticos preconizados pela Resolução 466/12, do Conselho Nacional de Saúde. No presente estudo, não houve a necessidade da identificação original dos participantes, portanto, o sigilo foi mantido, através do anonimato de seus nomes verídicos e adoção de identidades fictícias.

As observações aconteceram em um auditório universitário, durante uma vivência lúdica, realizada na aula prática da disciplina “Psicomotricidade e Educação”, do curso de Pedagogia.

A atividade lúdica para as crianças consistiu em “Brincar Livre”, durante 45 minutos. Foi proporcionado a oferta de diferentes brinquedos e lenços, para exploração espontânea dos objetos, sem qualquer comando ou orientações de adultos (**Figura 1**).

Durante o “Brincar Livre”, todas as observações comportamentais das crianças foram realizadas por estudantes do Curso de Pedagogia e Psicologia do UNIDON e os dados registrados em folhas de papel individualizadas e identificados por números, conforme marcação prévia, anexada no crachá de cada criança.

As imagens coletadas ao longo do “Brincar Livre” foram utilizadas para compor o banco de dados qualitativos deste estudo, porém, sem evidência do perfil de cada participante, a fim de preservar a sua identidade civil e integridade social.

Por outro lado, os achados quantitativos obtidos durante as observações, foram analisados por Teste qui-quadrado e correlação de Pearson, através do software estatístico GraphPad Prism (versão 8.0). O nível de significância adotado foi $*P \leq 0,05$.



Revista Eletrônica de Divulgação Científica do Centro Universitário Don Domênico – UNIDON
15ª Edição – agosto de 2026 – ISSN 2177-4641



Figura 1: Brinquedos e lenços disponíveis para as crianças durante o “Brincar Livre”.

Resultados

Todas as crianças participaram ativamente da proposta de “Brincar Livre”, portanto, não houve desistências ou intercorrências, ao longo das observações experimentais.

A **Tabela 1**, contém os dados quantitativos referentes a ocorrência de aspectos motores, emocionais e cognitivos nas crianças, durante o “Brincar Livre”.

Quanto aos aspectos motores avaliados, as 10 crianças apresentaram desenvolvimento motor satisfatório para a maioria das variáveis analisadas. Apesar do bom desempenho motor durante o brincar, apenas 2 indivíduos utilizaram o lenço nas brincadeiras livres.

Em contrapartida, os achados relacionados aos fatores emocionais apresentaram maior variabilidade na população estudada. Da amostra total, 9 crianças apresentaram expressão emocional espontânea, capacidade de esperar, compartilhar e expressão facial coerente com a emoção. Oito indivíduos demonstraram iniciativa nas interações sociais e autonomia emocional nas escolhas. Foram observadas 7 crianças com humor estável ao longo da atividade lúdica e sem vínculo afetivo com um adulto (pai, mãe ou responsável presente no mesmo ambiente), representando importante autonomia emocional, ao brincar de forma livre.



Revista Eletrônica de Divulgação Científica do Centro Universitário Don Domênico – UNIDON
15ª Edição – agosto de 2026 – ISSN 2177-4641

Neste estudo, todas as crianças demonstraram iniciativa para resolver problemas simples, realizaram exploração sensorial variada e resolução de desafios cognitivos. Nove indivíduos tiveram atenção e concentração na atividade de brincar e oito demonstraram flexibilidade cognitiva e capacidade para categorizar e comparar.

Tabela 1. Valores absolutos da ocorrência de aspectos psicomotores durante o “Brincar Livre” em crianças do município do Guarujá-SP.

<i>Aspectos da Psicomotricidade</i>	Ocorrência	
	<i>sim</i>	<i>não</i>
Motores		
Iniciativa de movimento corporal	10	
Coordenação motora ampla	10	
Coordenação óculo-manual	10	
Equilíbrio estático e dinâmico	10	
Segurança corporal e prevenção de quedas	10	
Ritmo e fluidez dos movimentos	10	
Uso do lenço ao brincar	2	8
Emocionais		
Expressão emocional espontânea	9	1
Vínculo afetivo com o adulto	3	7
Iniciativa nas interações sociais	8	2
Capacidade de esperar e compartilhar	9	1
Autonomia emocional nas escolhas	8	2
Expressão facial coerente com a emoção	9	1
Humor estável ao longo da atividade	7	3
Cognitivos		
Atenção e concentração na atividade	9	1
Iniciativa para resolver problemas simples	10	
Exploração sensorial variada	10	
Resolução de desafios cognitivos	10	
Flexibilidade cognitiva	8	2
Capacidade simbólica emergente	6	4
Capacidade de categorizar e comparar	8	2

(Quantidade total da amostra=10 crianças).

Um achado alarmante nesta investigação foi que, apenas 6 crianças demonstraram capacidade simbólica emergente, ou seja, somente 60% dos participantes do estudo, possuem a habilidade cognitiva de utilizar símbolos, palavras, imagens ou objetos para representar ou expressar ideias.



Revista Eletrônica de Divulgação Científica do Centro Universitário Don Domênico – UNIDON
15ª Edição – agosto de 2026 – ISSN 2177-4641

A partir disso, considerando a importância do desenvolvimento de pensamento simbólico na infância, avaliamos simultaneamente, o uso do lenço e a capacidade simbólica de cada criança durante as brincadeiras livres.

Como evidenciado na **Figura 2A**, apenas 2 crianças utilizaram o lenço para brincar e, ao mesmo tempo, tiveram capacidade simbólica positiva pois, atribuíram significado ao objeto ($*P<0,0001$). A imagem qualitativa da **Figura 3**, confirma esses achados. Apesar disso, as análises de correlação das variáveis, não evidenciaram um padrão linear para os dados (**Figura 2B**, $P=0,24$; $r=0.41$), apontando que, outros fatores podem ter determinado a capacidade simbólica das crianças, especialmente, àquelas que não usaram o lenço durante as brincadeiras e mesmo assim, demonstraram capacidade simbólica positiva.

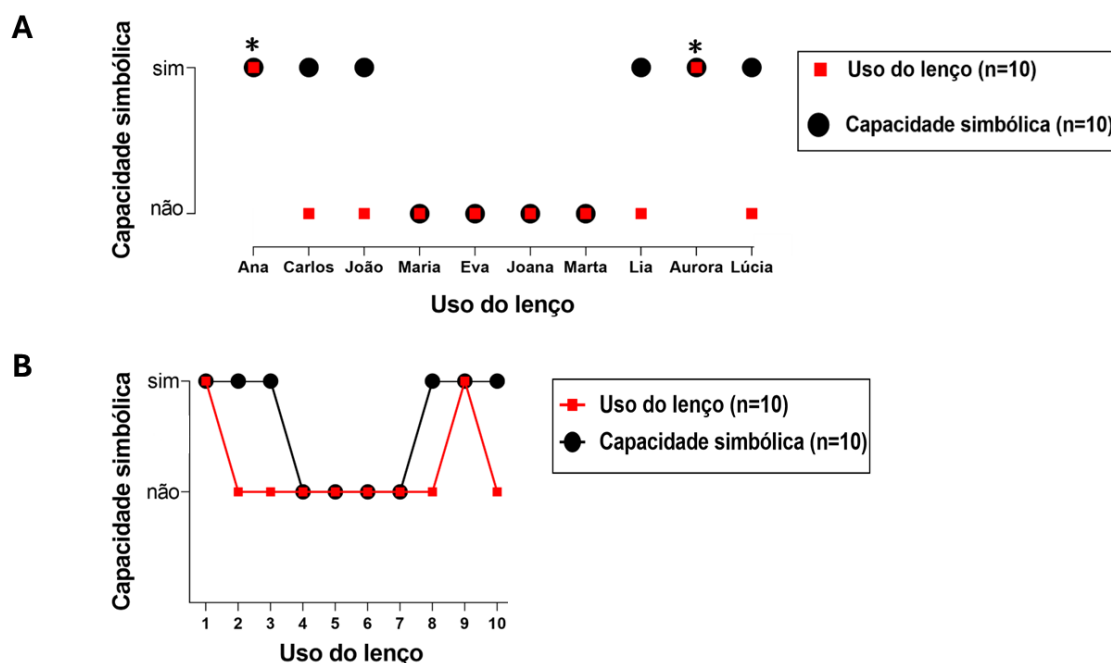


Figura 2: A) Uso do lenço (■) e a capacidade simbólica (●) de crianças durante o Brincar Livre. Análise estatística através de Teste Qui-quadrado ($*P\leq 0,05$). **B)** Correlação de uso do lenço (■) e capacidade simbólica (●) das crianças durante o Brincar Livre. Análise estatística através de Teste de Correlação de Pearson. Relação não linear ($P=0,24$; $r=0.41$).



Revista Eletrônica de Divulgação Científica do Centro Universitário Don Domênico – UNIDON
15ª Edição – agosto de 2026 – ISSN 2177-4641



Figura 3: Uso do lenço por meninas durante o Brincar Livre.

De fato, nossos registros qualitativos confirmam que algumas crianças optaram por utilizar outros objetos nas brincadeiras, atribuindo a eles, significados simbólicos e figurados, o que explica, possivelmente, a sua capacidade simbólica positiva, mesmo na ausência do uso espontâneo do lenço, durante as brincadeiras livres de “faz de conta” (**Figura 4**).



Figura 4: Crianças brincando de cozinhar com folhas de árvores, macarrão/feijão/arroz cru.



Revista Eletrônica de Divulgação Científica do Centro Universitário Don Domênico – UNIDON
15ª Edição – agosto de 2026 – ISSN 2177-4641**Discussão**

No presente estudo, brinquedos como: bolas, bonecas, carrinhos, ursos, lego, panelas, peças de madeira, caixas de papelão e lenços de pano, proporcionaram diversão e entretenimento para crianças de 5 a 11 anos, durante o “Brincar Livre”. Apesar do desenvolvimento cognitivo e emocional satisfatório para as respectivas idades, os participantes demonstraram baixo nível de capacidade simbólica emergente, evidenciando dificuldades na utilização de objetos (tal como, o lenço), para representar ou expressar ideias. Nossos achados são originais e apontam a necessidade de uma nova compreensão do brincar. No trabalho, três implicações se sobressaem: (1) motricidade espontânea deve ser entendida como fonte de cognição, e não apenas treino motor; (2) o brincar simbólico, está longe de ser mera recreação e constitui prática de reelaboração psíquica para crianças, exigindo materiais alternativos e observação atenta; (3) tanto a pedagogização excessiva, quanto a ausência de suporte afetivo restringem a atividade simbólica e enfraquecem a autoria infantil. Desse modo, as escolas devem rever a forma como organizam suas práticas para estimular a imaginação e criatividade, como dimensões constitutivas do desenvolvimento humano, em vez de entender o lúdico somente como recurso pedagógico. É necessário reconhecê-lo como experiência psicomotora fundamental para estruturar os modos de pensar, sentir e agir.

A tradição inaugurada por Pikler, (1979), desenvolvida posteriormente por sua colaboradora Tardos, (2010) e revisitada por Godall, (2007), mostra que o indivíduo é competente desde o início da vida. Quando dispõe de tempo, liberdade e vínculos estáveis, manifesta iniciativas motoras e cognitivas que se transformam em conhecimento. A função do adulto, nesse contexto, não é dirigir cada gesto, mas observar atentamente e oferecer condições adequadas de exploração.

Neste estudo, foi criado um ambiente motivador para as crianças brincarem de modo livre, enquanto os adultos observavam seus comportamentos sem interferências. Embora existisse a presença de vários lenços disponíveis no local, o uso associado a capacidade simbólica positiva, foi observado apenas em duas meninas (uma com 5 anos e a outra 10 anos de idade). Esse achado foi surpreendente pois, revelou a baixa criatividade das crianças para imaginar situações e dar funções aos objetos incomuns.



Revista Eletrônica de Divulgação Científica do Centro Universitário Don Domênico – UNIDON
15ª Edição – agosto de 2026 – ISSN 2177-4641

Na verdade, ao observar o cotidiano escolar atual, é possível compreender esse fenômeno. Muitas instituições ainda priorizam materiais pedagógicos dirigidos, limitando a imaginação e autonomia na infância (Kishimoto, 2001). Curiosamente, Silva *et al.* (2005), identificaram esse paradoxo em pesquisas realizadas com professoras da pré-escola: embora todas afirmem valorizar a liberdade do brincar, acabam subordinando-o a objetivos de ensino.

Nesse sentido, a brincadeira, que poderia ser espaço de invenção, torna-se apenas meio para atingir metas pré-definidas. Esse reducionismo também foi problematizado por Cruz (2015), ao argumentar que a imaginação deve ser entendida como sistema psicológico complexo, articulando percepção, memória, emoção e linguagem, e que sua supressão na escola compromete a autonomia criadora. Assim, nossos dados contemporâneos retomam uma reflexão antiga sobre o uso intencional de brinquedos não tradicionais nas escolas, como fim de estimular novos pensamentos e ações durante o brincar.

Essa perspectiva se encontra nas análises de Chokler (2010), ao enfatizar que a motricidade infantil se constitui na relação entre corpo, espaço e cultura. Tal concepção encontra respaldo em Queiroz e Correia, (2002), que discute o corpo infantil como fonte de significados, não redutível apenas a organismo biológico, mas, oportunidades individuais de potencialidade. Sobre isso, Saura, (2014), complementa que, o corpo lúdico é um espaço de expressão dos imaginários sociais e culturais. Desta forma, considerando que as meninas utilizaram individualmente o lenço para forrar o chão e apoiar os brinquedos (lego e boneca), é possível que este tenha sido um comportamento aprendido em contexto social ou familiar.

Por outro lado, observamos nas ações coletivas, crianças utilizando alimentos crus e folhas de árvore para “fazer de conta” que era comida verdadeira. Do mesmo modo que o lenço, esses elementos naturais também não são brinquedos tradicionais, e mesmo assim, foram utilizados por meninas, nas “brincadeiras de casinha”.

No campo teórico, Wallon (apud Silva, 2007) destaca que a passagem do gesto ao símbolo não se dá por continuidade linear, mas por reorganização funcional mediada pela emoção, pela linguagem e pela cultura. Essa leitura converge com a perspectiva histórico-cultural de (Vigotski, 1998 apud Cruz, 2015), segundo a qual, a imaginação cria zonas de desenvolvimento proximal e projeta a criança além de suas capacidades atuais.



Revista Eletrônica de Divulgação Científica do Centro Universitário Don Domênico – UNIDON
15ª Edição – agosto de 2026 – ISSN 2177-4641

Já no âmbito da criatividade, Nakano (2011) enfatiza que o fenômeno deve ser entendido em sua multidimensionalidade, abrangendo fatores cognitivos, afetivos e contextuais. Essa perspectiva é aprofundada por Tavella e Villemor-Amaral (2014), que, ao utilizar o Teste de Zulliger, identificaram variáveis capazes de discriminar níveis criativos entre crianças, reforçando que a criatividade envolve não só fluência, mas também seleção e justificativa de ideias. Em outra vertente, Mishima (2012) mostrou que o brincar criativo pode ser estratégia de promoção de saúde em crianças com obesidade, evidenciando o alcance do lúdico para além do espaço escolar. Cabe ressaltar que, essa multiplicidade de estudos converge em um ponto essencial: brincar, imaginar e criar não são recursos acessórios, mas modos de constituição da subjetividade. Então, quando a escola limita as experiências a fins instrumentais, empobrece as possibilidades de simbolização e fragiliza o desenvolvimento infantil.

Sabemos que, no brincar dramático, ou "faz de conta", a criança exercita o drama de ser e se tornar outro, explorando papéis sociais, regras e conflitos, em um espaço seguro (Schlindwein; Milléo; Souza, 2024). Essa atividade não é uma simples recordação, mas uma "reelaboração criativa de impressões vividas" (Vigotski, 2009a apud Schlindwein; Milléo; Souza, 2024), onde se constrói uma nova realidade que responde aos seus anseios e desejos. Dessa forma, nossos achados corroboram com os dados de Cruz, (2015) e revelam que, a imaginação não é apenas uma função isolada, mas um sistema psicológico complexo, caracterizado por relações interfuncionais dinâmicas entre pensamento, emoção, memória e percepção das participantes.

É fato que, a imaginação permite à criança afastar-se momentaneamente da realidade para criar outras possibilidades de interação (Vigotski, 1998 apud Cruz, 2015). A vista disso, é possível que um “movimento coletivo de faz de conta” foi estabelecido entre as meninas deste estudo, para formação de novas amigas ou companhias imediatas.

Por fim, a manifestação da criatividade é frequentemente vista como um indicativo de saúde emocional (Sakamoto, 2000 apud Tavella; Villemor-Amaral, 2014). Aqui, os registros observacionais realizados evidenciam desenvolvimento cognitivo e afetivo adequado para as crianças participantes.



Revista Eletrônica de Divulgação Científica do Centro Universitário Don Domênico – UNIDON
15ª Edição – agosto de 2026 – ISSN 2177-4641

A relação entre criatividade e inteligência, no entanto, é um campo de intenso debate, sem um consenso definitivo na literatura (Nakano, 2011). Existem, pelo menos, três vertentes explicativas principais. A primeira defende uma alta correlação, na qual a inteligência seria um pré-requisito para a criatividade (Kneller, 1971; Sternberg, 2001 apud Nakano, 2011, p. 150). A segunda postula a independência entre os construtos, argumentando que um alto QI não garante alta criatividade (Getzels; Jackson, 1962 apud Nakano, 2011, p. 149-150). A terceira vertente é a "teoria do limiar" (threshold theory), que sugere que um nível mínimo de inteligência (frequentemente estimado em um QI em torno de 120) é necessário para que a criatividade possa ocorrer em níveis elevados (Kneller, 1971; Lubart, 2007 apud Nakano, 2011). Independentemente do modelo, fica claro que, o potencial humano, só pode ser plenamente compreendido, quando ambos os construtos são considerados conjuntamente (Nakano, 2011).

Portanto, longe de ser um mero passatempo, o brincar é o campo onde a criança reelabora criativamente suas vivências, desenvolvendo a capacidade de simbolizar e se relacionar com o mundo de forma pessoal e original (Schlindwein; Milléo; Souza, 2024).

Conclusão

Em conclusão, a análise sustenta que o corpo em movimento, a imaginação e a criatividade simbólica atuam como engrenagens interdependentes do desenvolvimento. Quando a criança dispõe de tempo, espaço e vínculos, emerge, de forma própria, a sensação de equilíbrio e a capacidade de representar experiências (elementos que sustentam a passagem do pensamento ao gesto).

Em síntese, o “Brincar Livre” não é acessório para o desenvolvimento infantil, mas eixo estruturante da condição humana durante a infância. Preservar sua potência é investir em trajetórias mais autônomas, criativas e socialmente integradas.



Revista Eletrônica de Divulgação Científica do Centro Universitário Don Domênico – UNIDON
15ª Edição – agosto de 2026 – ISSN 2177-4641**Agradecimentos**

As autoras agradecem, sinceramente, todas às crianças e estudantes de Pedagogia do Centro Universitário Don Domênico - UNIDON (4º semestre de 2025), por tanta contribuição neste estudo. Aos pais/responsáveis, nossa gratidão por tamanha confiança.

Conflitos de interesse

Todas as autoras leram e aprovaram a versão final do artigo.

As autoras declaram não haver potenciais conflitos de interesse.

Referências

APPELL, Geneviève; DAVID, Myriam. *Maternagem Insólita*. São Paulo: Omnisciência, 2021.

CEMÉA – Centres d’Entraînement aux Méthodes d’Éducation Active. *Liberté de bouger... Liberté d’être*. CEMÉACTION, Paris, avr. 2018. Publicado online em 4 oct. 2021. Disponível em: <https://www.cemea.be/liberte-de-bouger-liberte-d-etre> Acesso em: 16 set. 2025.

CHOKLER, Mirtha. El concepto de autonomía en el desarrollo infantil temprano: coherencia entre teoría y práctica. II Congreso Internacional de la Asociación Pikler-Lóczy de Argentina, Buenos Aires, 2010. Disponível em: <http://www.eubios.net/index.php?page=5&topic=38>. Acesso: 16 set.2025

CHOKLER, Mirtha. *Importancia de la libertad de movimiento en la génesis temprana de la subjetividad: sus condiciones y sus riesgos*. Buenos Aires: Asociación Pikler-Lóczy de Argentina, 2010. Disponível em: <https://www.piklerloczy.org.ar>. Acesso:16 set.2025

CRUZ, Maria Nazaré da. Imaginário e imaginação: perspectivas históricas e implicações educacionais. *Revista Educação e Filosofia*, v. 29, n. 57, p. 213-232, 2015.

GODALL, Teresa. *Emmi Pikler: El desenvolupament motor autònom des del naixement fins a la seguretat de les primeres passes. Un estudi de casos basat en el desenvolupament motor autònom de Pikler-Lóczy*. Barcelona: Universidade de Barcelona, 2007. Tese (Doutorado).

GODALL, Teresa. Movimiento libre y entornos óptimos: reflexiones a partir de un estudio con bebés. *RELAdEI – Revista Latinoamericana de Educación Infantil*, v. 5, n. 3, p. 41–52, 2016. Disponível em: <https://revistas.uam.es/relaei/article/view/7004>. Acesso em: 15 set. 2025.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. São Paulo: Cortez, 2001.

MISHIMA, Fernanda. Brincar criativo e obesidade: possibilidades de intervenção lúdica com crianças. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, São Paulo, v. 22, n. 3, p. 327-334, 2012.



Revista Eletrônica de Divulgação Científica do Centro Universitário Don Domênico – UNIDON
15ª Edição – agosto de 2026 – ISSN 2177-4641

MISHIMA, Fernanda Kimie Tavares; BARBIERI, Valéria. O brincar criativo e a obesidade infantil. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, Campinas, v. 14, n. 3, p. 249–255, set./dez. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/>. Acesso em: 16 set. 2025.

NAKANO, Tatiana C. Teste de criatividade figural infantil: evidências de validade. *Avaliação Psicológica*, v. 10, n. 2, p. 173-182, 2011.

PIKLER, Emmi. *The competence of the infant*. Budapest: Pikler-Lóczy Institute, 1979. Acesso: 20 agosto 2025

PIKLER, E. Morverse en Libertad: desarrollo de la motricidad global. Madrid: Narcea, S.A. de Ediciones, 1969. p.45-46.

QUEIROZ, Terezinha de Camargo Nascimento; CORREIA, João Roberto Araújo. Algumas considerações sobre a falha epistemo-somática e suas manifestações na criança. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 5, n. 4, p. 11–25, dez. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/N4PNVyf5zWgvYx3CbYYskwp/?lang=pt>. Acesso em: 15 agosto 2025.

SAURA, Soraia Chung. Imaginário, lazer e o corpo lúdico. *Licere – Revista do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer*, Belo Horizonte, v. 17, n. 1, p. 1-23, 2014.

SAURA, Soraia Chung. *O imaginário do lazer e do lúdico*, publicado na revista *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte (RBEFE)*, v. 28, n. 1, p. 163–175, jan./mar. 2014.

SCHLINDWEIN, Luciane da Silva; MILLÉO, Graziela Pedroso de Moraes; SOUZA, Marilda Aparecida. O brincar como prática educativa: significados e contradições. *Revista Psicologia & Sociedade*, v. 21, n. 1, p. 94-102, 2009.

TARDOS, Anna. Le rôle de l’observation dans la pédagogie de Pikler-Lóczy. *Revue Spirale*, n. 55, p. 73-87, 2010.

TAVELLA, Gabriela Moraes; VILLEMOR-AMARAL, Arthur E. Criatividade em crianças: evidências a partir do Teste de Zulliger. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, v. 31, n. 4, p. 489-497, 2014.

SILVA, Dener Luiz da. Do gesto ao simbólico: a teoria de Henri Wallon sobre a formação simbólica. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 30, p. 145-163, 2007.

SILVA, Léa Stahlschmidt P.; GUIMARÃES, Adriana Batista; VIEIRA, Cristiane Elise; FRANCK, Luciana Nazaré de Souza; HIPPERT, Maria Isabel Steinherz. O brincar como portador de significados e práticas sociais. *Revista do Departamento de Psicologia – UFF*, v. 17, n. 2, p. 77-87, 2005.

SILVA, Viviane Bruscato da; GOMES, Ana Paula Muniz. Ciberdependência e infância: as influências das tecnologias digitais no desenvolvimento da criança. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, v.10, n.1, 2024.

SOUZA, Lucas Lopes; CARVALHO, José Bégue Moreira de. Uso abusivo de telas na infância e suas consequências. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, v.23, n.2, 2023.

